

# BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCCÕES

N.º 12

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

### SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — Relatorio do seu Presidente o sr. JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA. — Elogios historicos: do general JOÃO MARIA FEIJÓO, pelo sr. general A. PEDRO D'AZEVEDO, Presidente da 2.ª secção; de FRANCISCO JOSÉ D'ALMEIDA, pelo sr. conselheiro JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO; do dr. AUGUSTO FILIPPE SIMÕES, pelo sr. visconde de Alemquer; e do architecto LUCAS JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA, pelo sr. BRITO ARANHA ..... Pag. 177 a 188

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:

Monographia. — Descrição da igreja de S. Christovão de Rio Mau no concelho de Villa do Conde (conclusão), pelo rev. Padre ANTONIO DOMINGUES FERREIRA ..... » 188

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:

A proposito das mumias americanas expostas no museu do Carmo, pelo sr. Dr. BALDY..... » 190  
Archeologia prehistorica. — (Continuado do n.º 9), pelo sr. J. P. N. DA SILVA..... » 191

Sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em 20 de setembro de 1885

Sob a presidencia de S. A. o Principe Real o Senhor D. Carlos, teve logar esta sessão solemne á 1 hora da tarde, como estava annunciado.

Sua Alteza occupou a cadeira de espaldar que lhe estava reservada, tendo á esquerda o sr. tenente coronel Novaes de Sequeira, seu ajudante de serviço.

No estrado abaixo, tomaram assento o presidente effectivo o sr. Possidonio da Silva, tendo á direita o secretario, sr. visconde de Sanches de Baena, e á esquerda o outro secretario, sr. visconde d'Alemquer.

Depois da leitura do relatorio pelo sr. presidente e da acta pelo respectivo secretario, foram pela seguinte ordem recitados os elogios historicos dos socios fallecidos:

O do general conselheiro João Maria Feijóo, pelo sr. general Antonio Pedro de Azevedo;

O de Francisco José d'Almeida, pelo sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, que sensibilizou muito a assembléa pelas sentidas e eloquentes palavras que proferiu;

O do archeologo dr. Augusto Philippe Simões, pelo sr. visconde de Alemquer;

O do architecto Lucas José dos Santos Pereira, pelo sr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

Todos os discursos foram ouvidos com attenção e agrado.

Na occasião da leitura foram corridas as faxas de seda verde que occultavam os quadros a oleo com os retratos dos quatro socios, que pelos seus meritos e serviços eram tão honrosa e solememente commemorados. Notavam-se sobre os quadros as medalhas com que tinham sido laureados por esta Associação.

Procedeu-se em seguida á distribuição dos premios e diplomas aos socios que, pelas suas publicações e concursos de historia, architectura e archeologia, a Associação julgou dignos de menção e premio.

O sr. secretario visconde de Sanches de Baena lia a relação dos nomes dos premiados, o sr. presidente entregava as medalhas e os diplomas ao Principe, e Sua Alteza dava-os por sua mão aos laureados. Receberam os premios que lhes competiam: os srs. conselheiro José Silvestre Ribeiro, e Manuel Maria Rodrigues; o sr. presidente, para o sr. Dom Rodrigo Amador de los Rios (por estar em Madrid); o sr. visconde d'Alemquer, para o sr. visconde de Castilho (que não pôde comparecer por doença); e o academico sr. Zephyrino Brandão, para o sr. Antonio Francisco Barata (ausente em Evora).

Com esta entrega findou a sessão, retirando-se o Principe Senhor D. Carlos. Sua Alteza foi acompanhado até á carruagem pelos membros da mesa da Associação dos Architectos e por todos os socios

presentes, que tinham ido igualmente esperal-o á sua entrada no museu.

Assistiram á sessão representantes da familia Feijóo e da de Francisco José d'Almeida.

O sr. general Moreira offereceu a banda da guarda municipal, que executou algumas peças de musica, dentro do monumental edificio do Carmo, durante esta festiva solemnidade.

Relatorio da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes  
apresentado pelo presidente, sr. J. Possidonio N. da Silva

Senhor. Senhoras e Senhores :

Não está distante o dia em que esta *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* marcará nos seus annos o vigesimo quinto anno, isto é, o primeiro quarto de seculo da sua existencia ! E posto que seja ainda recente a data de sua fundação, todavia não deixaram de ser proficuos os constantes esforços para se dar proveitoso impulso aos estudos artisticos e archeologicos em nosso paiz, como passo a provar com a recapitulação de seus trabalhos, que tenho a honra de apresentar a esta assembléa.

Os seus fundadores foram sómente 9 architectos portuguezes, mas têm adherido a esta Associação 264 socios nacionaes, que a têm coadjuvado nos seus trabalhos, e concorrido para alcançarmos, nas Exposições Universaes e Internacionaes, medalhas, tanto na cidade do Porto em 1863, como em Paris em 1867, e na de Philadelphia em 1876, augmentando assim o bom credito, tanto no paiz como fóra d'elle, e enraizando as sympathias dos que amam todos os progressos artisticos e scientificos.

Coube-lhe tambem a satisfação de laurear com medalhas de prata a 9 de seus socios, e a tres outros, com medalhas de cobre, pelos trabalhos de suas importantes publicações sobre architectura civil, archeologia e numismatica.

Teve a louvavel lembrança de formar uma galeria com 13 retratos, a oleo, dos distinctos architectos nacionaes que se distinguiram na sua nobre profissão, e de outros retratos tirados em photographia, pertencentes aos mais insignes confrades architectos e archeologos estrangeiros, nossos socios honorarios.

Havendo desejado igualmente desenvolver em Portugal os estudos da architectura e da archeologia, fundou um boletim para as publicações artisticas e archeologicas, sendo a unica d'este genero que se tem publicado no nosso paiz, e tambem abriu concursos publicos entre os nacionaes sobre os mesmos estudos, e teve a satisfação de laurear os concorrentes por suas importantes memorias.

A publicação do seu boletim consta até ao presente de cinco tomos, um em folio e quatro em 4.º,

compondo-se de 57 numeros com 44 estampas e 26 photographias.

Tem promovido n'este Museu quatro exposições publicas n'esse mesmo periodo e principalmente uma de notavel apreço, pois que tambem é a unica no seu genero que se realisou em o nosso paiz.

Tomou sempre o maior empenho em divulgar em Portugal os conhecimentos que respeitam aos fins do seu Instituto, distribuindo generosamente pelas escolas municipaes do reino 462 exemplares do seu boletim com 248 estampas e photographias,

E, finalmente, para se divulgarem os estudos archeologicos, viu com a mais profunda alegria que Sua Alteza O Principe Real O Senhor D. Carlos se dignára de auxiliar a fundação de um curso elemental de archeologia n'esta Associação, o qual foi inaugurado no mez de Maio d'este anno com 32 estudantes; destinando Sua Alteza avultados premios, para serem conferidos aos mais distinctos. É uma das maiores glorias que podemos registar com ufania.

Esta Real Associação já recebeu a Honra de ter como Protector e Presidente perpetuo Sua Magestade El-Rei O Senhor D. Fernando, que repetidas vezes tem manifestado o quanto preza os nossos trabalhos, vindo com a sua Augusta Presença conferir os premios e dar louvores aos nossos socios laureados. Agora recebemos n'esta solemne sessão a distincta honra de sermos presididos pelo Seu prezadissimo Neto O Principe Senhor D. Carlos, a Quem Sua Magestade houve por bem transferir os Seus Poderes e Direitos, n'esta assembléa, porque um incommodo de saude O priva de Lhe expressarmos aqui de novo o jubilo que teriamos em a presença do nosso Augusto Protector e de Lhe apresentarmos as nossas homenagens.

Sua Alteza, seguindo o nobre exemplo do Illustrado Rei Artista, quiz tambem bizarramente proteger o nosso Instituto afim de que fosse ainda mais util ao paiz, derramando no publico a instrucção e os conhecimentos archeologicos, que estavam descurados entre nós; portanto, foi sobremaneira honroso e lisongeiro para esta Real Associação ter recebido tão auspiciosas protecções, porque, não sómente accrescentam por modo notavel a consideração de que gosamos, mas patenteam igualmente, que os seus perseverantes esforços e sacrificios em prestar este serviço á sua patria, sem haver nenhum outro alvo, nenhuma outra ambição, mais do que concorrer para augmentar o credito e a illustração nacional, mereceram tão subidas e honrosas distincções da parte de dois tão Illustrados Principes.

Se o nome d'esta Associação não póde ainda elevar-se, nem ser comparado á fama adquirida por outras mais antigas e muito mais illustradas sociedades de Portugal, não deixará comtudo a menor duvida de que ella está animada e decidida a imitar

os exemplos dados pelas sociedades mais cultas, contribuindo para que a sciencia archeologica tenha em Portugal o desenvolvimento que deve ter, afim de que não seja notada por mais tempo a falta d'este ensino.

Hoje mesmo, Senhores, vamos ter novamente a satisfação de ver coroadas obras de grande merecimento, dos socios os srs. conselheiro José Silvestre Ribeiro, Visconde de Castilho, D. Rodrigo Amador de los Rios, Manuel Maria Rodrigues e Antonio Francisco Barata, cabendo a honra ao nosso Instituto de os galardoar com os principaes premios de que dispõe, dando-lhes um testemunho publico de apreço e de quanto se vangloria de os ter n'esta Associação, registando com ufania que elles recebiam os premios do Augusto Principe, o que Sua Alteza Real fará com o maior contentamento, porque é sabido que, como Seus Illustres e Preclaros Ascendentes, se compraz em galardoar o saber e o merito.

Não é sómente aos triumphos litterarios e scientificos dos nossos consocios, que este Real Instituto se associa jubiloso; vem tambem cumprir outro dever de consideração, commemorando igualmente os trabalhos intellectuaes e serviços scientificos dos seus socios, que se finaram, inaugurando-lhes n'esta sessão solemne os retratos, e ouvindo a leitura dos seus elogios historicos, os quaes recordarão as suas nobres qualidades, o seu saber e os importantes serviços que elles prestaram á Sciencia e ás Bellas-Artes, pelo que mereceram essa subida distincção. São, portanto, hoje inaugurados os retratos dos socios fallecidos, os srs. Conselheiro João Maria Feijóo, Dr. Augusto Filippe Simões, o architecto Lucas José dos Santos Pereira, e Francisco José d'Almeida.

Era do meu dever, não só por occupar ainda este lugar, devido unicamente á benevolencia dos meus estimados consocios, levantar um *brado* de admiração e grato reconhecimento a Sua Alteza Real pela honra que nos concedeu com a Sua Presença n'esta Aſsembléa, igualmente pela Sua Augusta Protecção, para que a instrucção publica nacional ficasse ao par das outras nações mais cultas; portanto, em nome de todos os socios d'esta Real Associação, dos estudantes do curso elementar de archeologia, e do seu humilde representante, Digne-Se Vossa Alteza receber os protestos da nossa respeitosa veneração e do nosso mais profundo reconhecimento.

Disse.

#### Elogio historico do general João Maria Feijóo

Cabe-me a honra, Augusto Principe e Senhores, de fallar-vos de um nosso venerando consocio, que após vida longa e trabalhosa, descança ha pouco mais de um anno na paz inquebrantavel do sepulchro. Se o nome de João Maria Feijóo não pode equiparar-se

ao de Luiz Serrão Pimentel, de Manuel d'Azevedo Fortes, de Manuel da Maya, de José Maria das Neves Costa, e de outros preclaros talentos de que tanta gloria resulta para a engenharia portugueza, não deve contudo ser votado ao esquecimento sem gravissima injustiça. Honrando, pois, o antigo vicepresidente d'esta agremiação, não praticamos simplesmente um acto de deferencia para com o cavalleiro, cuja affabilidade tanto nos penhorou; damos o merecido preito a quem por um trabalho indefesso e atilado conseguiu ascender a elevada posição social, desempenhando durante a sua diuturna carreira muitas e importantes commissões.

Em 24 de Junho de 1801 nasceu em Belem João Maria Feijóo, filho de Antonio Bento Feijóo. Depois de ser alumno distincto da academia real de marinha, alistou-se n'esta arma como aspirante a piloto em 1827, e dois annos depois abandonou esta carreira afim de se consagrar ao ensino de desenho e architectura civil na antiga Aula Regia, vulgo do convento dos Caetanos, para que fora nomeado professor. Vem talvez a pêllo dizer-se que o seu antecessor e mestre, Germano Antonio Xavier de Magalhães, tinha sido por muitos annos substituto do notavel architecto José da Costa e Silva, cujo retrato se acha tambem n'esta sala.

Com a regencia da cadeira accumulou Feijóo a frequencia da academia real de fortificação, artilharia e desenho, e completou o curso então exigido para officiaes de engenharia.

No quarto anno d'aquelle estabelecimento de instrucção superior, estudavam-se com desenvolvimento, segundo o artigo 2.º da Carta da Lei de 12 de Janeiro de 1790, a architectura civil, o corte das pedras e madeiras, o orçamento dos edificios e tudo o mais que fosse relativo ao conhecimento dos materiaes, que entram na sua composição, a architectura das pontes, etc. Aos conhecimentos, pois, que o nosso consocio grangeára á custa do proprio estudo, e que ministrava aos seus alumnos na escola dos Caetanos, reuniu os que recebeu de outros mestres.

Depois que a divisão do duque da Terceira, tendo atravessado as provincias do sul do reino, veiu entrar victoriosa em Lisboa a 24 de Julho de 1833, João Maria Feijóo apresentou-se ás auctoridades liberaes com outros academicos seus collegas, e assentou praça no 1.º batalhão nacional movel a 5 d'Agosto, e foi legalmente nomeado professor substituto d'architectura civil a 29 do dito mez, obtendo logo depois a propriedade em 20 de Dezembro na referida aula dos Caetanos.

Empregado nas Linhas de defeza da capital, correu para a feitura da bella carta topographica levantada debaixo da direcção do coronel J. Dionisio da Serra.

Tendo adquirido, como dissemos, as necessarias habilitações, entrou o nosso biographado no real corpo d'engenheiros como 2.º tenente a 26 de Março de 1834, sendo-lhe mais tarde contado o alistamento desde a occasião em que sentára praça de voluntario, o que foi indubitavelmente um acto de justiça.

Restabelecida a paz, e recomeçando a funcionar com regularidade os nossos estabelecimentos de instrução, vamos encontrar o 2.º tenente Feijóo, não obstante ser já professor da aula publica d'architectura civil, commissionado no ensino da academia de fortificação, artilheria e desenho por portaria de 16 de Outubro de 1834, lente substituto extraordinario de desenho por decreto de 29 d'Agosto de 1835, lente substituto das materias theoreticas por decreto de 30 de Setembro de 1836, e afinal passou em 4 de Fevereiro de 1837 para a escola do exercito que se acabava de crear, sendo-lhe dado o logar de lente proprietario da 5.ª cadeira.

Cumpr-me agora fallar de uma das mais espinhosas commissões, que o nosso esclarecido consocio desempenhou, e que lhe valeu alguns dissabores, a despeito da intelligencia e boa vontade por elle empregadas. Refiro-me á inspecção dos incendios, de que Feijóo foi encarregado em meados de 1836.

Eram poucos os recursos empregados e mau o systema adoptado n'este serviço, antes do definitivo estabelecimento do regimen liberal.

A primeira Camara Municipal Lisbonense eleita depois de 1834, quiz remediar os inconvenientes resultantes de tal estado de cousas e, depois de dois outros engenheiros, proveu no cargo de inspector dos fogos o tenente João Maria Feijóo, sem esperar pela acquiescencia do governo. Realisou-se esta nomeação em Maio de 1836, e não em 1842, como por engano vi escripto ha pouco tempo.

Não se tinham passado dois mezes depois da nomeação, quando rompeu a 14 de Julho no palacio do thesouro publico, antes séde da Inquisição de Lisboa, um dos mais pavorosos incendios que tem havido na nossa capital.

O fogo começou a lavrar no corpo central do palacio do Rocio, assente onde hoje está construido o theatro da Senhora D. Maria II de saudosa recordação; passou com furia indomita ao resto do edificio, de que deixou apenas de pé as paredes, e as abobadas do andar terreo, realisando em poucas horas a sua obra de destruição.

Não se sabe porque, talvez por causa de se não ter podido atalhar o incendio, estavam os animos do pessoal empregado no Thesouro exaltados contra o 2.º tenente Feijóo, tendo por isso o governador civil de Lisboa que entregar ao coronel d'engenheiros Euzebio Candido Cordeiro Pinheiro Fur-

tado a direcção do serviço da extincção d'aquelle fogo. Foi este mesmo official que desaggravou o nosso consocio, escrevendo as seguintes palavras no relatorio que endereçou ao ministro da fazenda José da Silva Carvalho. « Eu seria injusto se com o meu silencio deixasse acreditar as faltas attribuidas ao tenente Feijóo, director dos incendios. « Para o justificar quanto ao mau estado das bombas, e machinas da sua competencia, e bem assim do frouxo serviço dos aguadeiros, basta lembrar que poucos dias ha que elle se acha á frente d'esta repartição. Emquanto ao zelo e incançavel actividade que constantemente desenvolveu nos dois dias em que concorremos, elle se mostrou habil e digno de ser melhor conceituado.»

Eis desfeitas as infundadas accusações dirigidas ao tenente Feijóo, que alguém pretendia tornar responsavel por faltas, que não eram d'elle, e que só se remediaram muitos annos mais tarde, apezar das repetidas queixas apresentadas, segundo nos consta, pelo nosso consocio á repartição competente.

Serviço importante se lhe deveu tambem por occasião de rebentar em 1 de agosto de 1841 um incendio voracissimo n'um vasto edificio situado na rua do Thesouro Velho, perto da rua do Ferregial de Cima. O vento forte que soprou durante o dia deu extraordinario incremento ao fogo, que só á custa de muita pericia e denodo pôde ser atalhado, e não passou aos edificios proximos.

Em mais dois grandes incendios prestou bons serviços o official cuja vida historiamos: no do antigo Collegio dos Nobres, e no da Magdalena, de tão medonha recordação.

Aquelle bello edificio, onde ao tempo do sinistro funcionavam as escolas polytechnica e do exercito, foi quasi completamente destruido pelo fogo, concorrendo tambem para este resultado uma fortissima ventania. O *Diario do Governo* de 24 d'abril de 1843 fallando do triste acontecimento occorrido na antevespera, diz a respeito do nosso illustre consocio Feijóo « O inspector dos incendios vimol-o apparecer em toda a parte, quanto humanamente é possivel, e tão depressa se achava dando ordens no meio da rua, como estava dirigindo os trabalhos sobre os telhados abrazados.»

O effeito causado em Lisboa pela pavorosa tragedia da Magdalena, em que não menos de dezoito pessoas morreram nas chammas, foi indizivel. O inspector Feijóo buscou remediar as deficiencias que principalmente se notavam no material então empregado na extincção dos fogos. Sabendo elle que muitas pessoas se queriam munir de mangueiras de salvacão, avisou immediatamente o publico de que ficava patente um d'estes apparatus pertencente ao trem dos incendios, afim de servir de modelo aos que os particulares quizessem mandar fabricar. Pouco depois

a camara appellava para os habitantes do municipio, incitando a que qualquer, que tivesse imaginado algum mecanismo util para serviço dos fogos, quizesse fazer a competente declaração.

Depois de um prolongado conflicto levantado entre o engenheiro-inspector e a Camara Municipal Lisbonense, conflicto que julgamos ocioso narrar, deixou João Maria Feijóo aquelle serviço para de novo se entregar ao magisterio. O governo, depois que a camara exonerou o nosso consocio do logar de inspector, nomeou-o para uma commissão encarregada de estudar os melhoramentos que introduzir no serviço de extincção dos incendios, e juntou a esta outra satisfação ao illustre engenheiro, enviando aos administradores do municipio em 27 de fevereiro de 1852 uma portaria, na qual se diz que as arguições por elles feitas a Feijóo, visto serem apenas baseadas em supposições, não podiam ferir de maneira alguma o caracter e honra d'aquelle funcionario e que deviam considerar-se como se não houvessem existido.

Tratando-se, primeiro em 1836 e depois em 1854, de procurar na igreja do convento de S.<sup>ta</sup> Anna os ossos do grande cantor das glorias portuguezas, pertenceu o nosso consocio ás commissões a que competiu esta importante investigação, e trabalhou muito para se alcançar o fim proposto.

Fez parte igualmente da commissão encarregada de organizar os estatutos da Academia das Bellas Artes de Lisboa, e do jury que escolheu o projecto para a construcção do theatro de D. Maria II. Tambem foi membro da commissão que tratou da crecção do monumento ao Senhor D. Pedro IV.

Entre os serviços militares para que foi escolhido, citaremos: o de dirigir as obras necessarias no edificio da Luz, para ali se estabelecer de novo o collegio militar, que estivera 15 annos em Rilhafolles e Mafra; a direcção dos trabalhos do dique do arsenal da marinha, a reforma dos estudos do collegio militar, etc. etc.

Devemos agora especialisar o honroso encargo com que ao nosso companheiro distinguui o nobre marquez de Sá da Bandeira, illustre ministro que sabia apreciar os homens de bem, e reconhecer e aproveitar em cada qual o seu merecimento. Escolhido pelo venerando estadista, projectou e dirigiu o engenheiro Feijóo as obras do quartel de Campolide, um dos poucos edificios construidos no nosso paiz expressamente para habitação de tropas, e que é hoje de certo o mais completo do seu genero.

Na obra de Campolide foi pela primeira vez usada uma excellente variedade de telha, inventada pelo engenheiro Feijóo, e que d'elle recebeu o nome.

Proseguindo sempre na nobre profissão de lente, em quanto desempenhou estas multiplices commissões, foi agraciado com o terço do ordenado em 1855, e nomeado lente da 7.<sup>a</sup> cadeira da escola do exer-

cito, quando, em 1863, se reorganizou este instituto de instrucção. Pouco tempo depois era jubilado com o terço do vencimento, e feito director de estudos das sciencias de construcção.

Se consultarmos agora a historia da nossa associação, encontramos o nome de João Maria Feijóo entre os dos socios que a fundaram em 14 de dezembro de 1863. Vemos tambem o nosso confrade occupar o cargo de presidente nos annos de 1867 e de 1868, e o de vice-presidente no resto do tempo. Em 1877 apresentou elle uma notavel memoria ácerca da construcção primitiva das abobadas do monumento de Alcobaça, pelo que foi laureado com uma medalha de prata, por voto da assembléa geral.

Muitas e elevadas distincções premiaram tão longos e importantes serviços. O general Feijóo era academico de merito da Academia real de bellas artes e tinha o titulo de conselho de Sua Magestade, as commendas da ordem de Christo, e de S. Thiago, o habito de S. Bento d'Aviz, e a medalha das campanhas da liberdade, algarismo 2.

Durante a sua carreira militar que finalisou com a reforma em general de divisão, que elle pediu, e que lhe foi concedida em 12 de março de 1884, ganhou direito ás medalhas de ouro de comportamento exemplar e de bons serviços. Não as pediu, porém, talvez por entender que essas recompensas deveriam antes ser concedidas espontaneamente, do que requeridas pelos officiaes que as mereceram, e que, pedindo-as, apoucam de algum modo os sentimentos a que obedeceram ao conquistal-as, isto é, o brio e a consciencia do dever.

É possivel que João Maria Feijóo, cuja vida acabamos de esboçar com tão pouca arte, pensasse como o grande epico portuguez, que taes galardões

«Verdadeiro valor não dão á gente

e que

«Melhor é merecel-os sem os ter  
«Que possuil-os sem os merecer.»

Tenho dito.

ANTONIO PEDRO D'AZEVEDO.

Presidente da 2.<sup>a</sup> secção

#### Elogio historico de Francisco José d'Almeida

Muito sentimos não poder reproduzir n'este logar o brilhante discurso em que o nosso venerando consocio sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro exaltou com os primores da sua phrase os meritos e serviços d'aquelle nosso fallecido collega. A assembléa applaudiu, possuida de entusiasmo, o eloquente improviso de s. ex.<sup>a</sup> Em seguida transcrevemos os apontamentos que conseguimos obter:

O sr. Francisco José d'Almeida foi um dos socios mais assíduos e zelosos da Real Associação dos

Architectos e Archeologos Portuguezes. Frequentar as sessões, e sujeitar-se fácil e de bom grado aos encargos diversos, ordinarios e extraordinarios; diligenciar solícito o desempenho dos deveres mais arduos; esforçar-se por ser prestável á Associação ou a cada um dos seus consocios: eis a norma invariavel do seu procedimento, desde que recebeu o competente diploma até ao ullimo termo da vida.

Alguns notaveis escriptos seus estão publicados no *Boletim* da Associação, verdadeiramente merecedores de attenção e de apreço, não só de nacionaes, mas tambem de estrangeiros, entre os quaes devo mencionar o nobre conde de Marsy, distincto archeologo francez, e exímio prezador dos estudos historicos e das bellas artes.

Tambem nos dominios das letras deu o sr. Francisco José d'Almeida demonstrações de louvavel applicação Os *Apontamentos da vida d'um homem obscuro escriptos por elle mesmo*, contêm a noticia d'alguns factos interessantes da nossa historia politica dos annos de 1833 a 1839.

Collaborou efficazmente para uma publicação de grande utilidade para os estrangeiros que visitam o nosso paiz, e até para nacionaes. Tem essa publicação o titulo de *Guia de Portugal*.

Nas sciencias deu igualmente testemunho honroso de proficiencia, fazendo prelecções, muito concorridas e applaudidas, sobre a chimica applicada aos usos domesticos, — além de ser o director d'um estabelecimento de productos chimicos.

Contribuem para sua gloria os relevantes serviços á *Escola Asylo de S. Pedro em Alcantara*, ao *Albergue dos Invalidos do Trabalho*; e não menos os cuidados que lhe mereceu a instrucção da infancia desvalida.

Compoz um tratado sobre a *Heraldica*. O manuscrito pára nas mãos do nobre visconde de Sanches de Baena, e tanto basta para se conceber a esperanza de que virá a ser impresso, depois de receber a ultima lima de tão acreditado sabedor.

Eis-aqui, em resumidos termos, a singela indicação do merecimento do homem, cujo retrato é hoje inaugurado n'esta sala.

Para o elogio de Francisco José d'Almeida faltam adornos oratorios, e os outros desenvolvimentos que a estreiteza do tempo não permittiu.

Felizmente, existe no *Boletim* d'esta Associação, n.º 8 do anno de 1881, um bem elaborado e amplo panegyrico do citado socio, que não só suppre, mas torna desnecessario este imperfeito apontamento.

O socio

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

### Elogio historico do doutor Augusto Filippe Simões

Meu Senhor. — Senhores. — Não tomeis por um elogio academico as palavras que ides ouvir.

Um elogio academico é como um monumento levantado á memoria de um finado illustre. Que outros mais habeis aprumem as columnas, rendilhem as arcarias, assentem os marmores: eu venho apenas, como o pobre puritano de Walter Scott, que andava avivando as inscrições obliteradas de seus martyres, eu venho apenas lembrar um nome, fazer uma saudação, apontar os marcos milliarios de uma vida indefessa e proveitosa.

Augusto Filippe Simões, filho de Manuel Simões Cardoso, e de D. Constança Jesuina de Paula Cardoso, nasceu em Coimbra, a 18 de Junho de 1835, na sua casa da rua das Covas.

Seis annos depois já fazia com a desventura contrato d'apprendizagem; morria-lhe o pai de morte desgraçada e triste, servindo-lhe de sepulchro as aguas do Mondego.

Os primordios da sua educação intellectual e moral deveu-os pois a sua mãe, que, emquanto viva, lhe foi preceito, exemplo e guia.

Aos quinze annos terminava Filippe Simões os seus estudos preparatorios com marcado aproveitamento; aos vinte era bacharel formado em philosophia; aos vinte e cinco concluia a sua formatura em medicina.

Já por esse tempo se tinha estreado em folhas periodicas, com trabalhos de investigação e critica onde transpareciam em germen as altas concepções, que um dia, maturado o talento pela experiencia, deviam emergir de seus escriptos.

Nomeado a pouco trecho facultativo municipal da Villa de Goes, lá se partia com o coração virgem de affectos que não fossem os do estudo; mas a sciencia nem sempre é invulneravel, e não raro venceu a natureza no coração dos sabios o talão de Achilles. Foi providente a natureza. O talento sem affectos, diz um elegante escriptor dos nossos dias, é como as mattas umbrosas e virginaes do novo mundo, onde tudo quanto ha de grande e magestoso no Universo se perde e se desbota na perpetua solidão. A mythologia hellenica, no seu Apollo varonil, significou a energia do pensamento; deu lhe porém nas musas delicadas um cortejo de mulheres.

Na Villa de Goes, havia uma dama tão celebrada pelas prendas do seu espirito, como pelos enlevos da sua candura singular.

Estava no florir da juventude.

Ficou de suas graças mais prendido e namorado o clinico juvenil, do que de quantas maravilhas havia devassado nos penetraes da sciencia. Amou e foi amado. Mas á figura gentil da fidalga e cubiçada noiva tinham os preconceitos sociaes anteposto uma

barreira indefinidamente insuperavel. Pediu e foi recusado. Só dois annos mais tarde, já então na cidade d'Evora, é que um acontecimento doloroso lhe permittiu realisar um sonho, que durou. . . o que duram os sonhos. Poucos mezes eram corridos, e finava-se D. Philomena de Figueiredo Barata Simões. A Providencia, dir-se-hia, tinha-lhe concedido a esposa para que elle antevisse o paraiso; tinha-lh'a roubado, para que elle o merecesse.

Rasgou-se-lhe profundamente o coração, e da profundez da sua dor só brotara uma idéa, um desejo, um anhelos: a sciencia. Ia ensina-la a seus discipulos, ia estuda-la nas fontes que lhe asava a occasião.

Professor no Lyceu d'Evora, foi em seguida e cumulativamente nomeado bibliothecario da bibliotheca publica, e adia a herança de Rivara e Raphael de Lemos. Era perigoso o legado, arriscado o confronto. Filippe Simões estreia-se por um notabilissimo relatorio ao ministro do Reino, e lucha sem desvantagem com a honrada memoria de seus antecessores.

Mas os encargos officiaes não o divertiam das outras provincias do saber, alheias áquellas que elle professava, nem o demoviam de seus propositos scientificos. Datam do seu estadio em Evora as cartas á beiramar, e as reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal.

Nas cartas, sentindo a natureza, sem a despedaçar pela experiencia, nem a despoetisar pela regrada applicação da analyse, e da geometria, vae o auctor descrevendo, á luz vivissima do seu talento, as maravilhas do oceano e os seus habitantes, da esponja ao polypo, do cetaceo ao mollusco, e por vezes paga ao Creador, em phrases encarecidas, o preito da sua admiração. E' que a sciencia não é a blasphemia de Deus, mas o commentario progressivo das suas creações.

Nas reliquias, achava-se Filippe Simões no thema predilecto dos seus labores litterarios. Assim como o grande naturalista francez, por simples fragmentos de uma ossada antediluvianna, ia reconstruir o mastodonte e o megaterio, descortinando as creações primitivas de uma fauna gigantêa, assim o nosso illustre archeologo, por um pedaço d'entablamento, um fuste derrocado, um capitel carcomido, se comprazia em reedificar o templo, restaurar a basilica, recompor o amphitheatro. Era a Velha Liberalitas Julia talhada de molde para servir de pasto ás suas lucubrações. As reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal são um notavel e erudito trabalho, verdadeiro barometro por onde se pode aferir a indole investigadora de seu auctor, e que por si só bastariam para dar nome a quem não tivesse outro brasão.

Entresachados com estes trabalhos, publicava o nosso biographado alguns artigos vigorosos de po-

lemica scientifica, começava um romance historico que deixou por concluir, e com solidos fundamentos reivindicava para Portugal a invenção dos aerostatos. A paixão do estudo, e os trabalhos de investigação, não lhe entibiavam o patriotismo.

Nomeado em 1871 presidente da commissão administradora da Misericordia d'Evora, apresentou ao governador civil um extenso relatorio, em que atravez da modestia do seu auctor transpareciam os relevantes serviços com que levantou aquelle estabelecimento. Foi o relatorio o ultimo trabalho que deu á estampa na cidade transtagana.

Em 1872 já o vemos caminho de Coimbra, apertado pelo seu dilecto amigo, o mallogrado Vieira de Meirelles, com quem desde verdes annos o estreitavam laços de purissima amizade. Resolvera-se Filippe Simões a doutorar-se em medicina. Antolhava-se-lhe ingresso prompto na faculdade, pela jubilação provavel de antigos cathedraticos. Em 21 de Junho d'aquelle anno escrevia para o seu acto de licenciatura a dissertação: «A contractibilidade e a excitabilidade motriz». A breve trecho vinha a lume a dissertação inaugural sobre os erros e preconceitos da educação physica, e tomava capello no mesmo anno. Em principio de 1873 concorria ao magisterio, era provido n'uma substituição, e dez annos mais tarde, promovido a cathedratico.

Continuemos a fazer simples inventario da herança intellectual do nosso finado consocio. Seria arriscada a critica de tão distincto mestre, em tão selecta assemblêa.

A dissertação inaugural, escripto que mãe nenhuma devia deixar de versar com mão frequentissima, foi depois refundida, ampliada, e com o titulo de «Educação Physica» teve posteriormente duas edições. Foi tambem publicada a sua dissertação, quando concorrente ao magisterio: «Exposição dos subsidios com que têm concorrido para o calor animal a chimica, a physica e a physiologia», e seguiu-se-lhe a impressão de uma conferencia que fizera no Instituto de Coimbra sobre «a architectura religiosa na idade media», com que preludiara aos seus trabalhos de archeologia.

Por esse tempo Filippe Simões, que já pertencia como socio correspondente á academia real das sciencias, era tambem eleito socio correspondente da nossa associação, e offerciamos-lhe uma medalha de prata em homenagem aos seus valiosos escriptos archeologicos.

Corria o anno de 1875.

A Universidade de Leiden ia commemorar o seu tricentenario, e convidava para aquelle acto a sua irmã do Mondego. Aceitou a Universidade de Coimbra. Foi o nosso consocio um dos commissionedos para a representar.

Alvorocára-se Filippe Simões com a commissão.

Havia muito que se lhe esvoaçava o espirito para estranhas regiões, anciava por ver outro azul nos céus, outro prateado nos mares, outro recorte na folhagem, outros matizes nas flores, outros arabescos no horisonte. Lá se foi em scientifica romagem, e se esta lhe não poude nem desvanecer tristuras, nem profligar saudades (*Coelum, non animum mutant qui trans mare currunt*), não foi baldado para a sciencia o seu curto estadio em terras neerlandezas. Ao regressar publicava o: «Tricentenario da Universidade de Leiden».

Apóz ligeira hibernação em suas producções escriptas, dava a lume a «Introducção á Archeologia na Peninsula Iberica», o seu trabalho de maior folego e por ventura a mais viva illuminação do seu talento privilegiado. Têm-lhe apontado faltas e lacunas. Quem ha ahí de valor que não encontre um sillographo? Demais, a Prehistoria é uma sciencia de hontem. O que era escuridão ha pouco póde refulgir agora, e por ventura o antiquario d'amanhã virá com novas siglas derrubar as asserções ou hypotheses do seu antecessor intellectual. Mas a «Introducção», ainda mesmo que o progredimento da sciencia lhe embacie o brilho, valerá sempre como patriotico ensinamento, de que a Peninsula podia correr parellhas com as regiões de alem Pyrineus, mesmo nas concepções materiaes de seus primitivos habitadores.

Em 1880 o escrutinio eleitoral levou ao parlamento o douto professor. Candidato sem opposição nem protesto, correrá-lhe a eleição pacifica e unanime. E' que a paixão partidaria não raro se cala e se refreia em frente de uma possante individualidade. Assim em Marseille os partidos extremos ensarilhavam armas, quando se apresentava Berryer, o campeão de Chambord; assim em Orleans adversarios infrenes estacavam na liça, se se propunha Dupanloup, o defensor da Igreja, e em trinta circulos esfriavam odios, feneciam paixões, e o povo ia unanime votar em Thiers, o libertador da França.

No parlamento justificou Philippe Simões os horoscopos que lhe tinham feito seus conferraneos. Distinguiu-se em varias discussões, e tornou-se notavel na questão dos arrosaes, que tratou com profunda illustração e finissimo criterio.

Foi durante esta legislatura que se originou a idéa de uma exposição retrospectiva de arte ornamental. A idéa tomou corpo, ganhou terreno, e Philippe Simões foi nomeado secretario da commissão executiva, e encarregado de uma parte do catalogo. Elaborado e impresso, pareceu-lhe este deficiente, e n'umas cartas publicadas no *Correio da Noite* — mais tarde enfeixadas em volume, — commentou-o e vulgarizou-o, corrigindo-lhe a aridez natural com os requebros do seu espirito litterario. Foi este trabalho a ultima scentelha d'aquelle talento vigoroso.

Vimol o depois, alojado n'um quarto do palacio das Janellas Verdes, triste, abatido, scismador e taciturno, elle que, no seu trato intimo, tão bem soia casar com os doutos conceitos de eximio pensador a anedocta finamente relatada com humoristico sainete.

O dicto agudo e chistoso já lhe não brotava espontaneo; já retrahia as expansões do coração; podia se-lhe dizer então o que a Chateaubriand segredára uma formosa filha d'Albion: *You carry your heart in a sling*. E n'este estado d'indizível morbidez, lá se foi caminho de Coimbra, carpir a sua ultima lagrima, desfolhar a sua derradeira saudade.

Os salgueiraes ainda se debruçavam graciosos sobre as orlas do Mondego; o tulipeiro ainda abria suas arroxadas corolas aos primeiros calores estivaes, e na fonte dos amores as aguas batiam sempre a rocha purpurada, em que, piedosa tradição! tinha espadanado o sangue d'Ignez.

*Mais où sont les neiges d'Antan?*

Foi-se pouco a pouco amortecendo aquella formosa intelligencia.

Um dia bruxuleava apenas; ainda um ultimo lampejo, e finava-se Philippe Simões.

A dor dos seus parentes, dos seus amigos, foi d'aquellas dores que não fazem alardo nem escarcão. Só se mostrou d'ella o que se não poude occultar. Mas no mundo scientifico foi o sentimento impressivo e clamoroso. Galgou as fronteiras, espraizou-se em paizes estranhos, e ao finado illustre tambem lá lhe enastrou a imprensa estemma de perpetuas. Occorre me que um jornal d'alem Pyreneos, em necrologio sentido, rematava assim: *Monsieur Philippe Simões est mort, quel malheur pour la science!* Sim, meus senhores, foi uma desgraça para a sciencia, e o *quel malheur* da folha franceza era como uma saudade arremessada por braço herculeo, e que descrevendo uma parabola immensa, vinha cair na campa de Philippe Simões. Se a essa saudade, eu apenas pude hoje atar desmaiada petala, a opulencia do assumpto indultará a falta de recursos proprios.

O socio

Disse.

VISCONDE DE ALEMQUER.

Elogio historico do architecto Lucas José dos Santos Pereira

## I

Senhor, senhores: — A real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes ainda não deixou, até hoje, por esforços da sua zelozza direcção, de prestar homenagem aos socios benemeritos, que terminaram a sua peregrinação na terra. Cumpre este preceito, que se impoz, com o maior rigor, porque se lhe afigura que é um meio de honrar a memoria dos mortos, augmentando as sympathias dos vivos; e ao recordar as acções e os meritos dos

que se partem de entre nós, para sempre, dá aos que ficam e lhes succedem, os melhores exemplos e as mais salutaes lições.

Não é por isso dever só; é também obrigação.

Coube-me a honra, por benevolo e immerecido convite do digno e benemerito presidente d'esta nobre associação, de apresentar aqui, n'esta sessão solemne, alguns traços ácerca da vida e dos serviços do architecto Lucas José dos Santos Pereira, cujo retrato figura, desde hoje, ao lado de outros varões illustres, e consocios, aos quaes já rendemos, em devido tempo, e com inteira justiça, o preito da nossa estima, da nossa consideração e da nossa saude.

## II

Nos fins do seculo passado, e no primeiro quartel d'este seculo, teve Portugal uma época mui floresente para as bellas artes. Teve pintores, esculptores e architectos de primeira ordem.

As provas existem em quadros, em estatuas e em edificios.

Caminhavamos ao par do desenvolvimento artistico da Europa e não tinhamos de que envergonhar nos perante as nações, que fossem mais ferozas no culto do bello.

Basta-me citar Joaquim Machado de Castro e Domingos Antonio de Sequeira, para vermos que as suas obras podiam entrar em confronto com as dos mais afamados artistas; e que se, n'aquella época, fossem a um concurso, a um certamen, — um pouço differente dos que vemos hoje tão a meude, sem que nos appareçam obras de mestre, — não receiriam por modo algum do *verdictum* dos jurys.

Ambos eram gigantes na arte. Affirmamo-o com desculpavel desvanecimento patriotico, diante dos que, por ignorancia ou por má fé, tem sempre na sua bagagem de critica e de plagiats, umas circumstancias negras, com que revestem as suas narrativas; uns pontos de retrocesso, para os seus devaneios; uns accessorios falsos e sombrios, para os seus quadros, e com os quaes procuram realçar os esplendores, muitas vezes ficticios, estrangeiros.

Muito lhes deveu a arte, em Portugal, não só peas suas obras primas, mas também pela sua propaganda constante e elevada.

Machado de Castro, por exemplo, entre os livros, que nos legou, e que todos conhecemos, publicou em duas épocas diversas, em 1780 e em 1817, uma obra de queixume e propaganda, em que elle, valendo-se até da carta que, em meio seculo XVIII, o dr. Gomes da Cruz escrevera á marquezia camareira-mór D. Anna de Lorena, em defesa da «Ingenuidade da Pintura», demonstrava com grande numero de citações o preço em que, soberanos, principes, nobres e governos, em fim, as classes mais gradas e

mais illustradas, tinham as obras de arte e os que as cultivavam.

Pode-se dizer, por sem duvida, que Machado tratava um tanto de si; mas, acrescentando-se logo, sem offensa da verdade, que, defendendo os seus interesses e porventura queixando-se de alguma injustiça e de algum esquecimento para com elle, não se esquecia dos demais cultores, seus companheiros; e a prova estava em que escrevia isto:

«... animem-se todos os que, dotados de genio, se applicam á esculptura e mais artes de desenho; animem-se a desvelar-se no laborioso estudo, que emprehenderam.»

E repetia, com o egregio poeta, o immortal cantor dos *Lusiadas*:

Que por esta ou por outra qualquer via,  
Não perderão seu preço e sua valia.

Machado de Castro tinha também por então a animal-o e a fortalecel-o, no derradeiro quartel da vida, a dar-lhe maior lustre na sua côrte do talento e da arte, os seus discipulos, os seus intimos, os seus admiradores constantes e dedicados, dos quaes posso citar dois: um, que se chamava José Corrêa da Serra, e o outro, que se chamava Antonio Feliciano de Castilho; um, que conquistára já um nome, dentro e fóra de Portugal; e o outro, que principiava a dar ao mundo das boas letras as primicias do seu genio, concorrendo portanto ambos, da officina ao laboratorio e tugurio do grande mestre, — áquelle tugurio e templo, ponto de reunião das notabilidades scientificas e artisticas do seu tempo.

## III

É n'este meio que vou encontrar igualmente dois distinctissimos architectos: José da Costa Sequeira, sobrinho do eximio Domingos Antonio de Sequeira; e Lucas José dos Santos Pereira, semelhantes no merito, intimos na arte, invejaveis nos affectos, dando-se a notabilissima circumstancia e coincidencia de que, vivendo desde então, sempre ligados e apertados nos indestructiveis laços de amizade fraternal, em muitos passos da vida publica, seguiram ambos a carreira, subindo aos mesmos graus, praticando ao lado um do outro, exercendo commissões de natureza identica nas mesmas datas.

Assim, temos ambos na casa do risco do real palacio da Ajuda, em 1820 e 1821, tendo a dirigil-os Fabri e Rosa; e na organização da academia de bellas artes de Lisboa em 1836, ambos professores de architectura, sendo o primeiro, além d'isso, secretario, e o segundo bibliothecario, na mesma academia.

Porém, senhores, não é permittido acompanhar a vida d'estes dois tão afamados architectos, porque o meu esboceto biographico só póde mostrar as linhas

relativas a Lucas José dos Santos Pereira. Na sessão solemne de 16 de março de 1873, José da Costa Sequeira já teve aqui ampla e condigna commemoração no bom elogio historico, recitado pelo nosso benemerito presidente.

## IV

A vida publica de Lucas José dos Santos Pereira, desde que terminou os primeiros estudos com distincção, é muito longa. A contar da sua nomeação como ajudante de architecto para a casa do risco em 1820, elle dedicou 64 annos da sua existencia ao serviço da arte e da nação. D'esses 64 annos — enorme parcella de trabalho na vida de um homem util! — 32 foram despendidos n'uma só commissão!

Vejamos o que os registos das repartições publicas, na sua concisão e simplicidade, nos dizem d'este nobre e talentoso architecto:

Nomeado, por decreto de 25 de outubro de 1836, artista aggregado á aula de architectura civil de 3.ª classe;

Por portaria de 19 de abril de 1837, primeiro bibliothecario da mesma academia;

Em conferencia geral da academia, de 28 de maio de 1842, eleito academico de merito, sendo confirmada tão honrosa e significativa eleição, por portaria de 6 de junho do indicado anno;

Architecto de 2.ª classe, por decreto de 23 de fevereiro de 1865; e, tendo optado pelo serviço no ministerio das obras publicas, deixou de pertencer ao quadro da academia de bellas artes de Lisboa, e desde setembro do mesmo anno, não continuou a ser abonado na respectiva folha.

Não consta mais nada nos registos publicos!

Quando, após o movimento politico, denominado *regeneração*, foram reorganisadas as secretarias de estado e creado o ministerio das obras publicas, commercio e industria, ao qual ficou pertencendo, com os seus quadros de engenheiros e architectos, a reparação e construcção dos monumentos publicos, pozeram na primeira linha, como não podiam deixar de o fazer, as obras da restauração e conservação do monumento da Batalha.

N'isso tinha tambem o maior empenho, pelo seu provadissimo amor á arte, sua magestade el-rei o senhor D. Fernando. O egregio principe, diga-se, em que pese á sua modestia, profundamente desgostoso por causa do abandono em que via de novo a monumental obra, continuava as instancias com que, muitos annos antes, em 1836, lembrára ao governo a necessidade e a urgencia de olhar com attenção para as obras de arte de algum valor que possuímos, e que o vandalismo, a incuria e as fraudes, tinham damnificado e iam deturpando e arruinando por toda a parte. Essa visita inspirou o de-

creto, que tornou obrigatoria a conservação da Batalha, destinando-se-lhe um pequeno subsidio.

Em 1852 foi, portanto, lembrado o nome de um architecto habil, experimentado, com innumeradas provas do seu saber e da sua applicação. Era um serviço de grande responsabilidade e de muita paciencia.

Por portaria de 28 de abril do mesmo anno, era nomeado o architecto civil, Lucas José dos Santos Pereira, para dirigir essa importante obra. Em 1865, como já disse, era architecto de 2.ª classe no quadro do ministerio das obras publicas; e alguns annos depois, subia á 1.ª classe, dando-se-lhe o cargo e as honras de chefe de secção da direcção das obras publicas do districto de Leiria, de que superiormente dependiam os trabalhos na Batalha.

Mas, Santos Pereira estrejou-se mal. Ficando satisfeitissimo com a sua nova e honrosa collocação, não se demorou em Lisboa. Partiu immediatamente á communicação official. Passados alguns mezes, subindo a um bailão ou uma prancha, caiu e fracturou uma perna.

Com esta desastrosa entrada podia desanimar. Não, senhores. Depois de curado e restabelecido, continuou com o mesmo amor a dirigir os trabalhos, em que persistiu os citados 32 annos, sem queixumes nem lamentações, e quasi sem licenças, ou de tão pequena importancia, para descançar, que não constam nas estações officias.

Sabe-se, pelo contrario, além de outras informações honrosissimas, que, por occasião da medonha tempestade occorrida nos primeiros mezes de 1881, alguns raios causaram graves danos no mosteiro de Alcobaça, e o director das obras publicas de Leiria determinou que o architecto Santos Pereira fosse, sem perda de tempo, examinar os estragos produzidos n'aquelle edificio e dirigisse a sua reparação. Muitos dias seguidos lá foi o nosso architecto, já bem entrado em annos, da Batalha a Alcobaça, vêr e inspeccionar o estado das obras que delineára, para conservar, até onde lhe era possivel, dentro do limite das instrucções e do orçamento, aquelle outro notavel monumento.

## V

A obra monumental da Batalha tem uma importancia triplicada: a religiosa, a historica e a artistica. É das maiores e mais notaveis do reino. Como especimen da architectura gothica, é das mais opulentas e perfeitas que se conhecem.

Quando os architectos encarregados das duas fabricas distinctas, que ali existem, o monumento principal e as obras supplementares, incompletas ou imperfeitas, deixaram os seus trabalhos, não se pensou mais n'aquelle grandiosissimo e por muitos titulos respeitavel edificio. Por consequencia, ficou

por muitos e muitos annos entregue, pelo assim dizer, a si, ao seu destino, ao tempo, ao acaso!

A invasão franceza, que levou os estragos e a destruição por essas cidades e villas, não poupou os monumentos nacionaes. O que não pôde saquear, arruinou. E, ao mesmo tempo, saqueou e destruiu. A Batalha, apesar da sua magnificencia artistica, qu' podia conter os invasores, não ficou incolume. Os francezes de Napoleão I deixaram ali innumerous e desastrosos vestigios da sua passagem.

É certo que estiveram ali, antes e depois da invasão, os frades de S. Domingos; mas, infelizmente, não se distinguiram como conservadores, nem como restauradores. Pelo contrario, no que tentavam aperfeiçoar ou remendar, demonstraram que não havia n'elles o sentimento do bello, e accusam n'os até de auxiliarem as destruições, dando ou trocando objectos de arte, que substituíam na ornamentação e pujança do monumento, por objectos que não tinham o caracter architectonico primitivo, e o ridiculisavam ou afeíavam.

Mousinho de Albuquerque esteve ali apenas tres annos, mas posso affiançar que fez profundo estudo do monumento no estado lastimavel em que o encontrou, e que reconheceu a grave responsabilidade que assumia ao tomar conta de tal encargo. N'aquelle curto lapso de tempo, ficou ali bem visível a passagem de tão eminente cidadão e funcionario. Lembremo-nos, certamente, de que Mousinho escreveu as suas impressões n'uma extensa memoria, que se conservou alguns annos inedita, e que só appareceu posthuma por benevolencia da viuva do auctor para com o centro de instrucção, no districto de Leiria.

N'essa memoria diz-nos elle, com o mais levantado sentimento patriotico, que entre os monumentos nacionaes, não conhecia outros que significassem melhor *os esforços dos portuguezes e a sua indisputavel precedencia na vereda do progresso*, do que a obra de Camões e a obra da Batalha, ambas inspiradas no amor á gloria e á patria; porém, no seu entender, a segunda era ainda mais fragil do que a primeira, e por isso carecia de constantes atenções e cuidados.

Com verdade, a obra de Camões era mais solida que a da Batalha!

Ouçamos Mousinho de Albuquerque. Repetirei as suas palavras como homenagem á sua memoria, e como brado para os que possam acaso esquecer que os monumentos nacionaes são padrões e reliquias, que nos cumpre conservar a todo o transe.

Eis o que elle escreveu:

«Os monumentos tão altamente veneraveis e patrioticos (como a Batalha) não podem reputar-se «estereis para as nações que os possuem. Não são «um pregão vanglorioso de memorias passadas, excitante moral de virtudes civicas e amor da pa-

tria. Assim considerados são elles dignos da mais «seria attenção dos legisladores e dos governos; «em todos os tempos se esmeravam os povos os «mais illustrados em mantel-os e conserval-os, até «que enfraquecidos seus brios e relaxados os vinculos moraes da sociedade, esses monumentos deixaram de merecer o seu culto, e cairam em «ruinas quando cairam tambem em ruina os povos «cujas glorias attestavam.»

Depois que Mousinho de Albuquerque deixou os seus importantes trabalhos na Batalha, este venerando edificio ficou de novo abandonado, ou quasi abandonado.

De 1844 a 1852 occorreram muitos incidentes na politica interna, alguns de muita gravidade; e de certo os governos pouco vagar teriam, n'essa época, para cuidar dos assumptos de bellas artes, os quaes, diga-se sem offensa para ninguem, tem sido dos ultimos a serem considerados em o nosso paiz.

Nas outras nações succederá outrotanto.

Cá e lá...

Alguns homens publicos, entre nós e lá fóra, quando sobem muito, deixam de cultivar o bello, para só cultivarem a politica, que ás vezes nada tem de arte, nem de bello.

Desculpem-me, senhores, esta divagação, que todavia se prende com o assumpto principal.

Foi n'essas circumstancias que chamaram o architecto Lucas José dos Santos Pereira para tomar conta de tão seria e espinhosa commissão, e para substituir um homem da estatura de Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque.

Isto prova, por sem duvida, que contavam com os merecimentos, com a applicação e a seriedade, de tão distincto e consciencioso artista. Isto prova que deviam de ter sido muito bem aproveitados os 32 annos que elle consumiu da sua vida ao serviço d'aquella obra, de que fallava aos intimos, Costa Sequeira e outros, em reduzido numero, com o sentimento que nasce do amor á profissão e do amor á terra em que nascemos, e cujas tradições e glorias nos são queridas.

Santos Pereira era modesto em extremo. Supponho que ninguem o ouviria gabar-se de seus trabalhos; porém, muitos o ouviram lastimar-se das obras, que não iam á sua vontade, e afirmar que, sem estudo, não se pôde caminhar e progredir.

O nosso benemerito artista possuia diversos attestados, em que os esclarecidos engenheiros directores das obras publicas do districto de Leiria o louvaram pela sua assiduidade e zelo; e um d'elles exaltava especialmente o seu serviço, no monumento da Batalha, certificando que uma obra, que ultimára, a restauração da agulha, se bem me lembra, era o sufficiente para dar nome e credito a um architecto.

Essa restauração tinha tamanha importancia para a arte, que o nosso digno presidente se apressou em communicar a á sociedade dos architectos de Londres; e appareceu encarecida no seu Boletim.

Os esforços de Santos Pereira convergiram para conservar a unidade e a belleza architectonicas, que distinguem aquella maravilhosa fabrica, e n'ella realçam por tal modo, que parece até que nos conservam presos e embevecidos na contemplação de tantos primores.

O nosso architecto fôra agraciado com a cruz da ordem de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico; mas, não sollicitára esta mercê, aliás bem cabida. Pediram-na para elle.

Sendo representante em côrtes, pelo circulo de Leiria, o sr. João Maria de Magalhães, hoje major de infantaria e mui distincto engenheiro florestal chefe da divisão do sul, foi um dia visitar diversas localidades do seu circulo, e ao passar na Batalha demorou-se em amavel conversação com Santos Pereira, ancião respeitavel e sympathico, alquebrado e côxo. Notar-se-lhe hia alguma tristesa. Influencia, de certo, da idade e das canceiras do trabalho.

— Aqui estou desde muito no cumprimento dos meus deveres officiaes, disse elle ao sr. Magalhães: acho-me aqui, sósinho, como que separado do mundo ao abrigo d'esta veneranda fabrica. Ninguem já me conhece. Estou naturalmente esquecido de todos.

Estas phrases fizeram impressão no sr. Magalhães

e calaram no seu animo. Ao regressar a Lisboa, communicou o que sentira ao ministro do reino, o conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio; este, na primeira oportunidade, recommendou á munificencia d'el-rei o Sr. D. Luiz, o nosso estimado architecto. Sua Magestade alegrou-se de que chamassem a sua attenção para um funcionario probo e presente, e respondeu ao ministro:

— Mande o Sampaio lavrar um diploma. Dê-se a cruz de S. Thiago ao Lucas Pereira. Alegremos a ancianidade d'esse bom architecto. Galardoemos o seu merito. É bom premiar os que trabalham.

É a historia singela d'essa honrosa mercê.

## VI

Lucas José dos Santos Pereira finou-se a 6 de setembro de 1884.

A real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes perdeu um socio prestantissimo, honrado e digno.

Não tem exageração o preito, que lhes prestamos. Fizemos-lhe justiça. Commemorámos os seus serviços. Inscrevemos o seu nome no registro especial, que podemos chamar o «livro de ouro dos nossos socios benemeritos.»

Assim perpetuamos, como podemos, a sua memoria.

O socio

BRITO ARANHA.

# SECÇÃO DE ARCHITECTURA

## MONOGRAPHIA

Descripção da igreja de S. Christovão de Rio-Mau no concelho de Villa do Conde

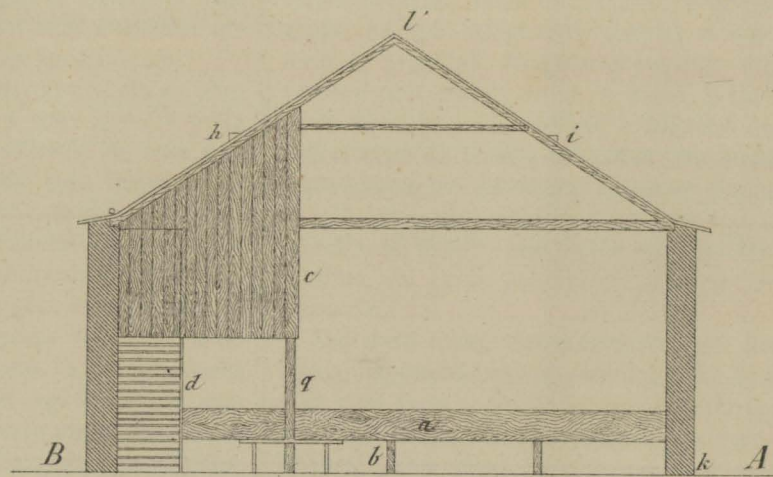
(Conclusão)

Entrando agora na descripção exterior tocaremos de leve as cousas de menos importancia: além d'um socco simples, que rodeia toda a igreja, a capella-mór tem como ornato no centro do panno testeiro e do lado oriental, um nicho como os outros já descriptos, onde ha pouco se collocou uma imagem de S. Christovão, que appareceu despedaçada atraz da tribuna velha, quando ella se reformou em 1854, a qual imagem é pedra fina (d'Ançã?) e, apesar de antiga, mostra ser posterior á igreja. Actualmente acha-se na sachristia. No vertice ha uma estatueta no estylo primitivo, representando um bispo, com mitra e baculo. Dizem vulgarmentê ser Santo Agostinho, o que é provavel, segundo a transcripção acima exarada. Cada um dos pannos lateraes, fortalecido por um contraforte em correspondencia com um arco interior, de que já tratá-

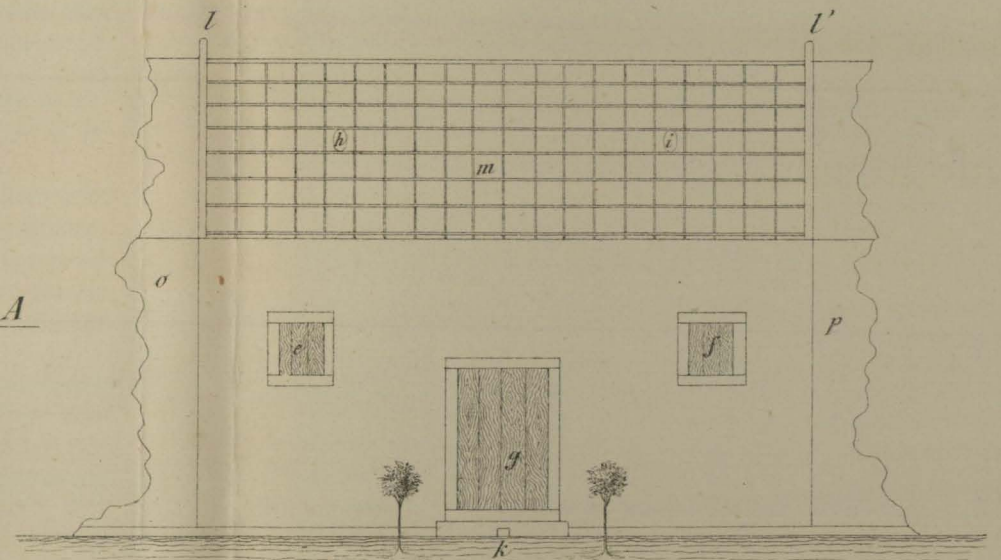
mos, é fendido por duas frestas mesquinhas e rematado por uma cimalha simples, a modo de corôa apoiada em modilhões distanciados e ornados de relevos fantasiados e ridiculos. Visto de perto, o corpo da igreja parece mais moderno e é menos apurado na mão d'obra; as paredes, com 0,94 d'espessura, são construidas por um systema antigo, como ensinava Vitruvio: — duas fiadas de pedra esquadria, ou antes duas paredes distanciadas, cerca de palmo e meio, ligadas por agulhas ou pedras de travar de longe a longe, e o espaço medio cheio de terra ou entulho: estas quiçá menos solidas já se acham fendidas. Ha no corpo da igreja duas portas lateraes, baixas e pequenas, segundo o costume da epocha, e prezando mais a commodidade do que a symetria, não as fizeram fronteiras; todavia o exterior das umbreiras é decorado, com menos riqueza, mas no gosto, semelhante á principal. Tres frestas esguias, em cada um dos pannos lateraes e outra sobre a porta principal, todas proximas do telhado, fornecem pouca luz e a igreja por isso é escura: as cimalthas late-

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

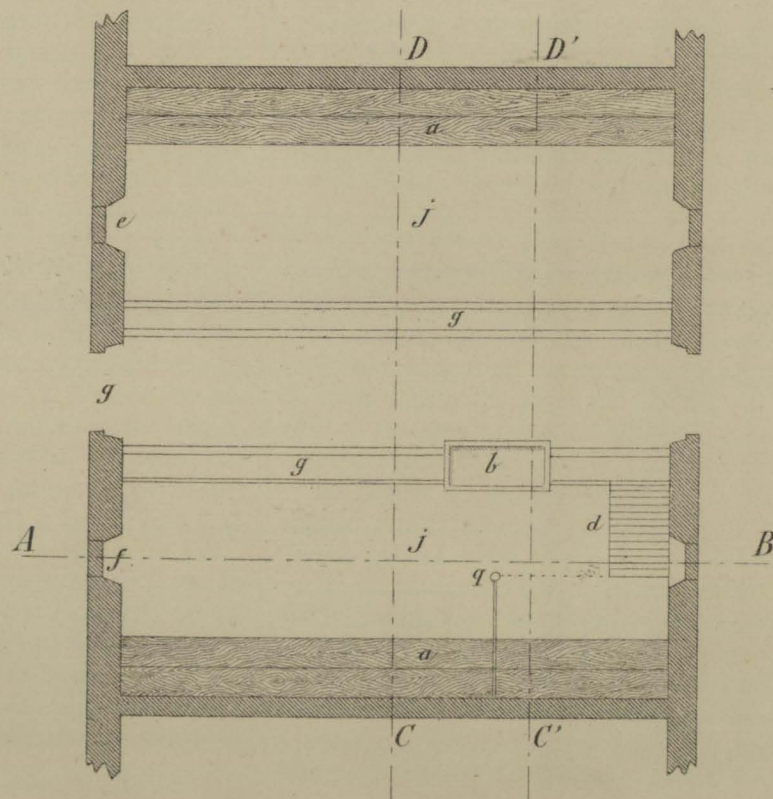
— Estampa 58



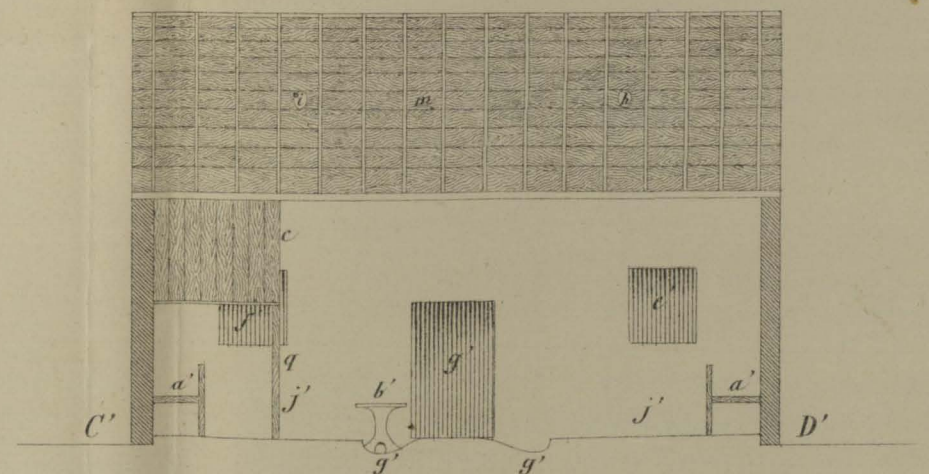
Corte sobre a linha A. B. da planta.



Fachada do lado sul.



Planta da Abegoaria.



Corte sobre a linha C. D. da planta.

MODELO DE UMA ABEGOARIA

Escala de  $\frac{1}{100}$

raes exteriores, são do theor das da capella-mór, porém mais toscas e despidas de todo o ornato. Uma cinta de pedra saliente e horisontal, uns modilhões espaçados e um pouco abaixo, serviriam ás alpendradas do claustro outr'ora existente. Ou seriam dependencias projectadas, que não chegaram a effeito? A porta principal, contra o pôr do sol, é muito baixa para os nossos tempos; todavia não é das cousas menos curiosas que se offerecem. Não sabemos por que motivo vimos aqui encontrar arcos ogivaes, que até agora não appareceram.

Medearia muito tempo desde o principio da obra até ao acabamento? Fosse o que fosse, a porta principal, no que respeita á pedraria de seus umbraes, é muito adornada pelo lado exterior por meio de arcos concentricos, em camadas e de fórma ogival que se apoiam em cimalha sustentada em pontos correspondentes por columnellos cylindricos, que se entremisturam com arestas salientes: estes columnellos teem bases e capiteis com ornatos de fantasia caprichosamente variados. Entre a padieira da porta e o apice da menor ogiva medeia uma especie de tympano curiosamente ornado em baixo relevo: é um grupo, cujos desenhos e esculptura não destoam do atrazo das artes na idade media. O personagem do centro representa um bispo (Santo Agostinho?) paramentado com mitra (bastante baixa) e baculo na mão esquerda, e mão direita, com dois dedos levantados, e faz acção de dar bençãos; é ladeado por dois outros personagens de mais pequena estatura, mas do mesmo cinzel, que pelas insignias e posição mostram bem ser um diácono e um subdiácono assistentes ao bispo. Cada um d'estes dois tem seu livro aberto, que sustenta com ambas as mãos; o da esquerda do bispo tem só manipulo, e o da direita tem manipulo e estola a tiracollo. Ao pé do subdiácono, um pouco mais afastada, vê-se outra figura rachitica que parece representar um servente ou menino do côro, o qual, sustentando com ambas as mãos uma salva sobre a cabeça, faz acção de ministrar ou receber do bispo os utensilios, como se vê ainda nos pontificaes. Ao lado direito do diácono vê-se uma pomba, ou outra ave, esculpida, cuja interpretação parece pouco obvia: será o Espirito Santo assistindo á Igreja? Será algum vaso decorativo, producto esquisito da antiga ceramica? ou será um vaso de prata em fórma de pomba, muito usado nos primeiros seculos da igreja, para n'elle se guardar no baptisterio a Eucharistia que se administrava aos recém-baptisados, depois da Confirmação?<sup>1</sup>

O vertice da igreja era antigamente cortado em

linha horisontal, sobre que havia dois campanarios com sinos pequenos, cujas cadeias pendiam sobre a porta principal; assim consta e o indicam dois sulcos parallelos e verticaes que se vêem no panno da fachada, acima de um alpendre ordinario, que faz abrigo á porta e serve de ampliar a igreja. Estes sinos já não existem, e o vertice, refeito de pedra e cal, tem plantada uma cruz ordinaria, feita no estylo moderno. Junto do alpendre a que serve de apoio, ha um campanario simples e um sino de mediana grandeza. Irregular e pequeno, o adro era cercado com parede baixa e tosca, junto da qual havia oliveiras muito velhas, e algumas cruces de pedra, obra de tempos modernos. No mesmo adro appareceram em diferentes occasiões alguns sarcophagos enterrados (identicos aos que hoje se vêem no adro de Rates), que dados ou vendidos se encontram em casas particulares dos moradores da freguezia.

Não deve passar desapercibida uma inscripção lapidar imperfeita, que se encontra atraz da tribuna, e na qual se lê a era da fundação d'esta igreja em 1133, que abaixo vae interpretada,<sup>1</sup> e que está em harmonia, com pouca discrepancia, com aquella que acima se lê na corographia de Carvalho.

Encontram-se tambem alguns vestigios ou cruces de certo estylo e em tal disposição, que bem indicam que esta igreja foi sagrada. Ignora-se o logar, a importancia e capacidade do edificio que servia de residencia aos religiosos que sustentaram o côro até ao Breve do Papa Martinho V. Nada mais se encontra digno de especial attenção, pois os altares modernos como as mesmas imagens, as sacristias e suas alfaias, são cousas de somenos importancia n'uma descripção archeologica, que só deve ser prolixa, tratando de antiguidades. O theor da inscripção, a perspectiva do edificio, o seu estylo pesado, os arcos mouriscos, a carrancada em relevo, a escassez de luz e as eras citadas são notas consonantes e comprovativas de que esta igreja, existindo no seculo XII, antes da fundação da monarchia, é das mais antigas de Portugal e por consequencia antiquissima.

Ha poucos annos, parochiando já o dignissimo abbade actual, o rev.<sup>mo</sup> Manuel Joaquim da Silva Vieira, natural d'esta freguezia e collado na igreja em 12 de janeiro de 1871, procedeu-se aos seguintes melhoramentos: ampliou-se o adro, em frente da igreja, (em 1876), desaffrontando a do arvoredro alheio, que a assombrava e encobria, e o aterro e nivelamento do adro tornou este mais bello, franco e enxuto. A residencia, outr'ora velha e amesquinhada, foi tambem accrescentada e melhorada, tanto

<sup>1</sup> Nos primeiros seculos do christianismo os baptisandos eram adultos, que depois d'instruidos na doutrina christã, iam receber em acto continuo, o Baptismo, a Confirmação e a Eucharistia, que se guardava no baptisterio em um vaso d'ouro ou prata, que tinha a forma d'uma pomba (como no baptismo de Clovis.)

<sup>1</sup> Esta lapida d'enigmatica e difficil traducção, foi interpretada pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Possidonio Narciso da Silva, e diz: Na era de 1135 Pedro... indigno sacerdote principiou a edificar esta igreja em honra de S. Christovão.

nos commodos internos, como no aformoseamento exterior. Finalmente, em 15 de janeiro do corrente anno, esta igreja foi elevada *in perpetuum* á categoria de Abbadia, pelo nosso sabio, prudente e virtuoso arcebispo primaz o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr.

D. José de Freitas Honorato, recebendo esta distincção o nosso prezado amigo e actual parcho da mesma freguezia o sr. Manuel Joaquim da Silva Vieira, cujo nome já citámos.

PADRE ANTONIO DOMINGUES FERREIRA.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### A PROPOSITO DAS MUMIAS AMERICANAS, EXPOSTAS NO MUSEU DO CARMO

Quando, após a monotona e accidentada labutação, que me prende todo o dia, á noite tomo o folego no escriptorio para ler a minha correspondencia, deparei com o endereço de um cavalheiro, a quem muito considero e respeito.

Não me pedia, como já infelizmente lhe aconteceu, para o visitar em doença, convidava-me porém a ir na sua amena e erudita companhia admirar umas curiosas raridades no seu Museu do Carmo.

E digo seu, pelos enlevos d'alma que lhe dedica, e porque Possidonio da Silva, a quem me refiro, tem sido e é o infatigavel colleccionador, que das velhas cathedraes, da solidão dos mosteiros, dos tumulos profanados, dos entulhos, das escavações, emfim, de todos os pontos do reino, com devotada coragem, com vivo entusiasmo, arrecadou os despojos da arte, e todas as reliquias e padrões da gloria nacional e alheia.

Não se vêem ali, como no British Museum, no Louvre, no Brear de Milão, as epopeias de architectura e esculptura classicas; os fragmentos e os specimens da Arte antiga de Ephezo a Ninive, de Babylonia a Thebas, ou o que a Grecia encarece por melhor, e o Tibre exalta na elegancia das formas, no assombro das grandezas, como se admira nas enormes pyramides do Egypto, nas academicas estatuas de Athenas, nos correctos palacios de Roma.

Foi no legendario recinto do historico convento do Carmo, onde jazeu o corpo do invencivel heroe de Aljubarrota, que, largando o arnez de intrepido guerreiro pelo habito de monge, a espada de pelejador pelo rosario de penitente, substituindo aos canticos da victoria os psalmos do Evangelho, quasi no fim da vida exclamára com arrebatamento em invectivas aos mouros! «Eia! se fosse preciso, ainda metterá uma lança em Africa», foi ahí n'esse angusto templo, onde se fundou o museu de antiguidades.

E' n'essa igreja derrocada, já sem abobadas artesoadas, cujas columnas emmusgadas apenas se elevam ás arcarias de nervuras ogivaes; foi sobre essas lageas, que cobrem as cinzas dos que foram levitas, e entre ruinas symbolicas, que se collocou o prospero Museu onde se guardam os monumen-

tos que escaparam á voracidade dos tempos, á incuria dos ignorantes, ao esbulho dos cubicosos.

Aqui o sabio architecto, e cuidadoso inventariante colligiu os rendilhados de folhagens e flores no gosto mosarabe; os emblemas religiosos, e demasias do estylo gothico, os primores da Renascença, desde o estylo roman ao ogival, para, nos estudos das letras e das artes, se imitarem as bellezas da sabia antiguidade, com interesse artistico, historico e chronologico.

Cabe entrementes o dizer-se, que em tal desamor temos as bellas artes, que nunca lembrou a governo algum o estabelecimento de um Museu de Archeologia; ou pelo menos accomodar-lhe um edificio publico.

De conhecermos as obras classicas dos nossos antepassados houvera grande proveito para a historia critica, do presente, pois, em tantos monumentos notaveis, que as mãos do genio executaram, e que as civilisações nos legaram, além de lição proficua, ha gloria imperecível.

O que, porém, é verdade, sem arrebessar desdens, ou protrair invejas, é que os nossos artistas na sua contemporaneidade, se ganhavam na fama, perdiam no ouro, e só logravam que a posteridade os laureasse pela divinisação das suas obras.

E' assim, pois, que os artistas sem protecção arremedam os planetas, que só brilham pela luz do sol.

O que fôra dos Virgílios e dos Horacios sem o patrocínio dos Mecenas, sem a munificencia dos Augustos?

E' verdade que ao homem sobrevive o genio d'elle, porém o corpo definha-se-lhe e morre na miseria, qual outr'ora succedeu a Camões no catre do hospital de Todos os Santos.

Portugal foi sempre, não digo, plaga inhospita, porém uma região pouco quente e prospera para as artes nobres, e menos tutelar para engenhos de primeira plana, que se distinguissem pelo compasso, pelo escopro, palheta e rhytmo; e embora tivessemos artistas peregrinos, d'elles pouco cuidámos; e viveram desprotegidos, como astros errantes que obliquam sem orbita.

Os nossos antigos reis tinham em menos as artes, em muito as conquistas; em pouco as celebridades, e em tudo as façanhas; preferiam o campo de ba-

talha ao Pantheon, e só acalentavam os genios, quando houvessem de cumprir alguns votos de propiciação; de levantar padrões, fundar templos; ou enriquecel-os com preciosidades e alfaias. Só eram collatores de beneficios para os artistas da sua priverança.

A actual dynastia, propicia ao progresso das bellas artes, tem dispensado aos seus cultores mais sympathia; e com muito relevo o sr. D. Fernando, cujo cognome de — rei artista — com justissimo motivo lhe cabe bem, por ter protegido o renascimento d'ellas.

E assim deve ser, porque as sciencias e artes exalçam de glorias e prosperidades as nações, ennobrecendo os reinados para emulação dos posterios.

Sem o patrocínio dos reis e dos governos a sua decadencia é certa. Nem se aquilatam merecimentos sem o toque do bom gosto; e este não se attinge, sem o manifesto apreço das artes, sem o incentivo dos louvores, sem a recompensa das obras.

Conta a historia, que Alexandre Magno, e Poliorcete, privaram com Pericles e com Protogene, visitando-lhes as officinas e encarecendo-lhes os trabalhos.

O imperador Carlos V nobilitou Ticiano, e Francisco I Leonardo de Vinci.

Podem os reis fazer quantos nobres quizerem, porém não alcançariam inspirar sequer um artista; podem conceder-lhes larguezas das suas opulencias, mas nunca conseguiriam repartir com elles um raio d'essa illuminação, que fecunda o genio na esthetica do bello e do sublime. Esse condão é do céu.

Assim, tambem, pelos seus merecimentos e serviços o sabio architecto Possidonio da Silva, tornando-se credor da benemerencia publica, o seu nome é respeitado por todos.

Mas larguemos de episodiar preambulos, e obedecendo ao seu amavel convite, vamos acompanhá-lo n'essa excursão artistica ao museu do Carmo, cuja fundação e prosperidades lhe pertencem.

Fôra motivo para essa visita, o desejo que vissemos as mumias peruanas, e dois craneos da mesma raça e epoca, que lhe offereceu o sr. visconde de S. Januario.

E porque, sobre o assumpto, me pede a minha menos auctorizada opinião, direi d'elle o pouco que souber.

(Continua)

O socio, DR. BALDY.

---

## ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

### A idade da pedra lascada

(Continuado do n.º 9 — pag. 142)

Passaremos hoje a examinar outros remotos vestigios que os povos primitivos nos deixaram em

uma caverna preparada pelas *suas proprias mãos*; e pelos objectos n'ella achados, se provará igualmente ter sido a sua industria a mesma em toda a parte, durante a epoca da pedra lascada; sendo isso confirmado pela maneira como foram esses objectos executados, todos elles semelhantes áquelles que haviam sido descobertos em outras regiões; portanto, occupar-nos-hemos em descrever essa caverna e os diversos fragmentos que continha, afim de ficar bem definida a epoca da pedra não polida.

Sobre a margem esquerda do rio Aveyron, situado no interior do paiz pertencente á França, se ergue uma montanha cortada a pique, situada a 300 metros de distancia d'esse rio e na qual existe uma escavação feita na rocha tendo de altura 4 metros e 15 centímetros de profundidade. É n'este logar que se descobriu, á superficie do solo, um deposito ossitico. Examinando-se bem esta montanha descobriram-se outros vestigios com eguaes depositos na extensão de mais de 100 metros. Um ressumbramento stalagmitico reteve junto á rocha fragmentos d'essos e de silex lascados.

Na parte do terreno que cobria o logar da escavação praticada na montanha, appareceu á superficie uma camada d'ossos queimados; bem como no sedimento, na profundidade de 45 centímetros, se achou uma cabeça humana, e ao lado d'ella uma maxilla de creança; encontrando-se separado o resto do esqueleto do homem, com a particularidade de ter as pernas viradas por cima da cabeça. N'esta posição deslocada ficavam os pés ao lado do craneo, o rosto virado para o céu, e um pouco inclinado sobre o lado esquerdo, estando o esqueleto collocado na direcção horisontal da base da montanha.

No meio da camada do sedimento que occultava estes ossos, havia uma outra camada de cinza e carvão, muito escura; fazendo ver esta circumstancia que o mesmo logar fôra habitado, depois de se ter ali enterrado o referido cadaver.

O sedimento existente entre o esqueleto e a camada escura, composta dos ossos carbonizados, apresentavam ainda uma altura de 90 centímetros; e a camada dos ossos era atravessada por veios carboniferos. Encerravam estas camadas abundantes productos de dois generos; um de silex lascado, e o outro pertencente ás armas de rangiferos. Alguns d'estes silex eram bastante notaveis, pois estavam cortados no feitio de serra. Este typo é assaz raro em toda a parte em que se fizeram investigações; porém muita qualidade de facas, os restos de lascas e os nucleos d'onde as tinham tirado, tudo isto faz suppôr ter havido n'este logar uma fabrica especial para executarem estes instrumentos prehistoricos.

Havia tambem furadores compostos de varinhas,

umas achatadas, algumas outras cylindricas, tendo a ponta aguda ou boleada. Os outros instrumentos com maiores proporções que os furadores, tinham um buraco na extremidade mais grossa; porém appareceram quasi todos estalados no lado d'esses furos, o que indica terem servido para se fazer grande esforço com elles. Um d'estes representava gravado grosseiramente um animal, e parecia ser um cão. O maior numero d'estes instrumentos estavam ornados com desenhos, fazendo presumir que serviam para algum uso mais particular.

Um outro producto d'esta infancia da arte era um fragmento muito rijo de rocha, sobre o qual havia uma gravura a traços, fingindo ser duas cabeças humanas, mas em forma de bustos.

O objecto mais interessante foi sem duvida aquelle que representava agulhas feitas de osso, ou com as armas de rēna, as quaes se achavam em muito boa conservação, tendo ainda a ponta aguda, e o fundo perfeitamente furado. A tige é mais ou menos achatada, posto que algumas agulhas sejam cylindricas; umas eram direitas e outras um tanto curvas.

Os dentes dos animaes ruminantes eram furados de proposito transversalmente junto do esmalte; supprimindo-lhe a metade da raiz dos dentes, serviam de enfeites para as mulheres. Faziam egualmente uso das phalanges dos dedos dos pés dos animaes ruminantes, com um orificio atravez para servir de assobio. A maior parte dos ossos encontrados n'este deposito pertenciam aos animaes rangiferes: tambem appareceram alguns dentes de veados, porém sendo os de boi e de cavallo muito abundantes. Igualmente se acharam, ainda que poucos, de cabra montez e de anta. Os dentes de carneiro eram rarissimos; todavia acharam-se os de gato, de raposa e de cão.

Tendo-se feito peneirar a terra, tirada d'este solo, poderam-se descobrir pequenissimos ossos de passarinhos, e queixadas de ratazanas; assim como grande abundancia de espinhas. Mas emquanto aos ossos das grandes aves, eram muito raros.

Por cima d'esta escavação, as hervas haviam antes entranhado as suas raizes entre os ossos quebrados, os dentes dos animaes e os silex lascados. Posto que tivessem já decorrido bastantes seculos sobre estes fragmentos da industria humana, e os vestigios do seu sustento, nunca o homem pensou em procurar esses restos historicos dos primitivos habitantes do mundo, muito embora essas provas da sua existencia estivessem occultas debaixo dos seus pés. Tal era a indifferença de se averiguar qual tinha sido o começo da industria humana, pois ainda se ignorava o modo como se descobria esse mysterio! Foi preciso que a sciencia da archeologia viesse com o seu facho luminoso encaminhar-nos n'essas interessantes investigações, ins-

truir-nos sobre o passado das gerações extinctas, enriquecer o mundo com uteis conhecimentos.

O deposito d'estes ossos apresentava muitas camadas parallelas, tendo-se contado até 8, as quaes se distinguiram mais pela côr dos sedimentos, que as formavam, do que pela natureza dos objectos que em si encerravam, fazendo ao todo uma altura para mais de 80 centimetros.

Uma extraordinaria quantidade de fragmentos de rochas calcareas, de rochas primitivas e de seixos quebrados se acharam no interior d'essas camadas; ainda que os fragmentos de silex fossem aqui em menor numero, contudo os silex lascados eram um pouco maiores e mais bem operados, do que os primeiros de que tratamos, pois os furados eram mais agudos, as agulhas mais finas, e sobre tudo eram notaveis as frechas farpeadas, empregando-se para este trabalho os páos dos rangiferes; mesmo algumas mostravam ornamentação.

Por baixo de um veio carbonifero appareceu, servindo de lage, uma pedra rodada, posto que um pouco achatada, havendo por baixo d'ella, um sedimento avermelhado aonde estavam 7 frechas farpeadas d'um só lado, em perfeita conservação. Em varios sitios d'este mesmo logar se encontraram muitas outras, mettidas entre camadas escuras; bem como alguns assobios e outros instrumentos com um grande furo aberto em uma das suas extremidades; nm d'estes era assaz curioso, porque, na extremidade opposta ao furo, haviam representado em escultura 4 pés de veado, afim de servirem de cabos a esses objectos.

Desde o momento em que se reconheceu ser a presença de frechas de silex uma prova para designar uma das ultimas épocas da idade de pedra, assentaram tambem poder servir a presença do silex lascado em feitio de serra, para designar um dos periodos primitivos d'essa mesma época.

Não será facil de explicar o uso que teriam instrumentos tão diversos e tão singulares; porém, pelas suas fórmãs e variedades, se póde reconhecer n'elles ter já havido uma civilisação caracterizada pelo progresso d'essa industria. O homem d'essa época certamente vivia em sociedade sob naturaes abrigos; e pelos vestigios que deixou da sua industria, faz suppôr qual seria o uso de outros objectos que não chegaram ao nosso conhecimento. E' de crer que essas agulhas tão finas e tão frageis não foram destinadas unicamente para cozer as pelles de animaes; assim como esses dentes furados empregados em formar collares, ou brincos, indicam tambem o desejo de possuirem já enfeites.

(Continua)

J. P. N. DA SILVA.